

Minhas queridas, letras de amor e saudade

Vera Lúcia Albuquerque de Moraes*
Fernanda Maria Abreu Coutinho**

RESUMO: A seleção de 120 cartas inéditas, pinçadas dos arquivos das irmãs Lispector por Teresa Montero, trata da trajetória dos primeiros vinte anos da escritora Clarice Lispector, constituindo valioso arquivo literário e histórico. Além de mostrar as interfaces do “amor e da ternura” entre as irmãs Lispector, o livro é um importante depoimento de momentos que marcaram o exílio geográfico e sentimental dessa singular escritora do modernismo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas, arquivos, irmãs, amor e ternura, exílio.

ABSTRACT: The compilation of 120 unpublished letters, selected by Teresa Montero (2007) from the Lispector sisters files, focus the period of the first twenty years of Clarice Lispector’s writings and becomes a valuable historic and literary document. Besides showing the interfaces of “love and tenderness” among the Lispector sisters, the book is an important testimony of the times spent in a geographic and sentimental exile by this distinguished representative of the Brazilian modernism.

KEYWORDS: Letters, files, sisters, love and tenderness, exile.

* Professora doutora do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza (CE).

** Professora doutora do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza (CE).

Os dezesseis anos que Clarice Lispector passou “exilada” de sua família e de seu público leitor renderam uma alentada correspondência a amigos, escritores e, especialmente, às suas irmãs Elisa e Tânia. Entre as décadas de 1940 e 1950, Clarice fixou residência em várias cidades do exterior e escreveu dois romances: *A cidade sitiada* (1949) e *A maçã no escuro* (1961), e *O Lustre* estava terminado quando ela se mudou para Nápoles. Nesse meio-

tempo, publicou as coletâneas de contos *Laços de família* (1960), *A legião estrangeira* (1964) e *Alguns contos* (1952).

Parte de sua correspondência a amigos e escritores foi publicada em *Cartas perto do coração* (2000), *Correspondências* (2002) e *Minhas queridas* (2007), este último uma seleção de 120 cartas inéditas, pinçadas dos arquivos das irmãs Lispector por Teresa Montero, que trata da trajetória dos primeiros vinte anos da escritora Clarice Lispector, constituindo valioso arquivo literário e histórico. Além de mostrar as interfaces do “amor e da ternura” entre as irmãs Lispector, o livro é um importante depoimento de momentos que marcaram o exílio geográfico e sentimental dessa singular escritora do modernismo brasileiro: “Eu sou uma pobre exilada. Você não imagina como longe do Brasil se tem saudade dele. Sou capaz de escrever um novo Brasil, país do futuro...” (Lispector, 2007, p.63); “Já me parece sinceramente não pertencer mais a nenhum lugar, tenho medo disso. Mas vamos deixar o futuro ao futuro” (ibidem, p.279).

Com a morte do pai de Clarice, em agosto de 1940, ela e a irmã Elisa passaram a morar com Tânia, então casada com William Kaufmann. A paixão pelas letras era compartilhada pelas três irmãs Lispector, tendo Elisa publicado seu primeiro romance, *Além da fronteira*, sem o conhecimento das irmãs, evidenciando, desde logo, um modo de ser muito reservado. Clarice, a caçula, sempre exerceu uma atitude extremamente maternal com suas irmãs mais velhas, fato que se mostra nas minúcias e nos detalhes de questões levantadas pela escritora em cartas trocadas com o núcleo familiar, no período em que morou na Europa e nos Estados Unidos.

Era tempo de guerra e a temporada de Clarice é pontuada por importantes momentos da história política da Europa que interferiram no cotidiano da escritora: “O que tem me perturbado intimamente é que as coisas do mundo chegaram para mim a um certo ponto em que eu tenho que saber como encará-las, quero dizer, a situação de guerra, a situação das pessoas, essas tragédias” (ibidem, p.12).

Seu primeiro filho, Pedro, nasceu em Berna. Lá, Clarice entrou em contato com o existencialismo de Sartre, escreveu *A cidade sitiada* e iniciou-se na leitura de François Mauriac, Tolstói e Simone de Beauvoir. Nesse lugar, vivenciou dolorosamente um sentimento de “desenraizamento”, provocado por anos de permanência no estrangeiro, com a especificidade de pertencer ao meio diplomático em que, segundo ela própria, se está fora da realidade e não se entra em nenhum meio: “o meio diplomático é composto de sombras e sombras” (ibidem, p.14). Mas não é só o meio diplomático que lhe deixou indesejadas recordações: sua trajetória em Berna tornou-se maçante e incolor, a ponto de afirmar: “só voltarei a Berna se Pedrinho quiser ver o lugar onde nasceu” (ibidem, p.222).

Seu exílio será tema das muitas cartas que escreveu a suas irmãs:

Estamos espiritualmente cansados [...] imagina que daqui a alguns anos estaremos exaustos. O corpo e cabeça ficam constantemente procurando uma adaptação, a gente fica fora de foco, sem saber mais o que é e o que não é. Nem meu anjo da guarda sabe mais onde moro. (ibidem, p.14)

O acervo que compõe *Minhas queridas* legitima-se numa época em que se acentua um crescente interesse pela correspondência e pelo manuscrito literário, importância essa que vem crescendo significativamente à medida que a internet se instala como meio de dominação da produção escrita, anulando cartas de papel escritas a mão ou em máquinas de escrever. Assim, esse maço de lembranças cuidadosamente cultivado oferece ao leitor a oportunidade de evocar tempos passados, tempos em que havia o uso do telégrafo, em que o carteiro era personagem destacada de tantas vidas, valendo como um istmo entre saudades apartadas pela distância. Ah! e as palmas no portão ou, na melhor das hipóteses, o triim da campanha deixava os corações em alvoroço, nesses longes em que também havia a comunicação pelo rádio entre localidades que os mapas se encarregavam de separar. Clarice confessa a

Tânia que “receber carta sua às vezes tem o sentido que teria abrir as janelas de um quarto onde eu estivesse fechada há semanas” (ibidem).

Lygia Fagundes Telles, no ensaio que escreveu para o livro *História das mulheres no Brasil*, organizado por Mary Del Priore (2006), pondera que a revolução da mulher foi a mais importante do século XX. Não se trata da revolução feminista, com tantas polêmicas e conotações ideológicas, mas de uma revolução subterrânea – prudente e paciente – e, talvez, mais obscura. Teria o seu nascedouro visível no final do século XIX e viria a desenvolver-se plenamente na Segunda Grande Guerra, quando os homens partiram para as trincheiras e as mulheres ficaram na retaguarda, dispostas a exercer o ofício desses homens nas fábricas, nos escritórios, nas universidades, entre outros lugares. Enfim, as mulheres foram à luta e se orgulharam de si próprias, reconhecendo-se nesse processo: tudo isso explica em parte o veio narcíseo das representações femininas em suas diversas manifestações; explica também o nascimento consciente de autoras engajadas às suas verdades: “Mas estou já cansada de minhas hesitações, que já me trouxeram bastante aborrecimento. Tenho sempre que me lembrar que tudo que consegui na vida foi à custa de ousadias, embora pequenas” (Lispector, 2007, p.206).

Lícia Manzo (1997), no instigante livro *Era uma vez: Eu – a não-ficção* na obra de Clarice Lispector, afirma que essa escritora esboça, por meio de sua literatura, um percurso irreversível em direção à primeira pessoa, ao texto confessional, ao eu, acabando por converter-se na personagem central de seus textos. Refletindo nessa direção, compreende a ficção clariciana como uma “autobiografia não planejada”, um exercício de ler a sua vida por intermédio do que Clarice nos “contou” em sua literatura:

O ato criador é perigoso porque a gente pode ir e não voltar mais. Por isso que eu procuro me cercar na minha vida de pessoas sólidas, concretas: de meus filhos, de uma empregada, de uma moça que mora comigo e que é muito

equilibrada. Para eu poder ir e voltar dentro da literatura sem o perigo de ficar. Todo artista corre um grande risco. Até de loucura. Por isso precisa tomar cuidado. Eu tomo cuidado. Eu gosto de comer, de comprar roupa, adoro meus filhos, gosto de convidar a namorada de meu filho para vir jantar. O cotidiano como fator de equilíbrio das incursões pelo desconhecido da criação. (Manzo, 1997, p.209)

A metamorfose de Clarice Lispector em Clarice Gurgel Valente, esposa devotada à vida doméstica e ao marido Maury Gurgel Valente, acarretaria uma série de mudanças à vida da jovem escritora, das quais as mais expressivas foram os sucessivos e obrigatórios deslocamentos para acompanhar o marido em missão diplomática, fixando residência em Belém, Nápoles, Itália, Suíça, Inglaterra e, por último, nos Estados Unidos.

Segundo Manzo (1997, p.29), “a intensa vida social exigida pela atividade de seu marido também resultava em mudança para Clarice: tímida, retraída e avessa a badalações, ela viu-se subitamente impelida a frequentar uma série infundável de recepções, jantares e coquetéis”. A imensa saudade do Brasil era aplacada pela intensa correspondência trocada com os amigos e a família. A distância de sua terra acabou convertendo-se em irreparável exílio de si própria, e os reflexos dessa penosa ausência se faziam sentir em suas crônicas, contos, romances, cartas, entrevistas, artigos para jornais, enfim, em tudo que escreveu: “Em agosto teremos 5 anos de exterior. Não são cinco dias. Cinco anos de não saber o que fazer, cinco anos durante os quais, dia a dia, me perguntei como perguntava a vocês: que é que eu faço?” (Lispector, 2007, p.210).

O tom especialmente afetivo com que escreve à irmã Tânia, que ela chama de “minha única filhinha”, “minha única amiga”, constitui um comovente depoimento do isolamento emocional que acompanhava Clarice, enquanto cumpria funções na alta sociedade, papel totalmente em desacordo com buscas interiores que ela empreendeu, incessantemente, durante toda a sua vida. Entretanto, em outros momentos, ela procurou transmitir para

as irmãs uma atmosfera mais leve e descontraída da vida que levava, salientando o ambiente de sofisticação e *glamour* que inevitavelmente acompanhava a vida requintada de um casal de diplomatas no exterior, embora Clarice tentasse, com modéstia, minimizar a importância dessas representações:

Como você sabe, a Sra. Roosevelt passou por aqui. Fomos convidados para recebê-la no aeroporto e para ir a uma recepção dada a ela. Fui com meu vestido preto. Ela é simpaticíssima, muito simples, vestida com bastante modéstia, bem mais bonita pessoalmente do que nas fotografias e no cinema. No dia seguinte ela deu entrevista coletiva à imprensa e eu fui, mandei noticiário telegráfico para a *Noite*, mesmo estando de licença porque não queria perder a chance. (ibidem, p.31)

Hoje tenho que ir a um *cocktail*. Amanhã jantaremos com o Presidente na casa do ministro, com vestido comprido e balangandãs materiais e espirituais. Depois de amanhã almoçarei na casa da embaixatriz de França, senhora que escolhe muito os convidados e que me honra com sua atenção freqüente (ela é aliás a única mulher inteligente do meio diplomático). Depois de depois de amanhã, almoço com o ministro do Exterior na nossa Legação... Não pense que é sempre assim, é uma semana rara. A você conto para dar idéia do que pode acontecer por aqui... (ibidem, p.205)

Por vezes, reconheceu que “eu sou horrivelmente difícil de se viver com” (ibidem, p.37). Fragmentando-se em outros textos, surgiram os argumentos: “Mas eu te digo: eu nasci para não me submeter; e se houver essa palavra, para submeter os outros. Não sei porque nasceu em mim desde sempre a idéia profunda de que sem ser a única nada é possível” (ibidem, p.36). Depois de conhecer os mais diversos lugares, declarou: “O mundo todo é ligeiramente chato, parece. O que importa na vida é estar junto de quem se gosta” (ibidem, p.40). Por essas razões é que a travessia do deserto de Saara lhe causou uma impressão tão sombria: “Atravessei parte do Saara. É uma coisa de meter

medo. Nunca vi tanta solidão. A areia não é branca, é creme. É maior que um mar” (ibidem, p.42).

Minhas queridas põe em destaque a insistência de apelos e a recorrência de pedidos por cartas freqüentes que simbolizavam a intensidade do amor ora exigido, ora humildemente implorado por Clarice a suas irmãs. Os sentimentos que emanam dessas cartas expõem certa dose de ingenuidade quase infantil, escrita simplória que contrasta com uma escrita outra – a de sua obra literária – dotada de singular complexidade em suas estratégias argumentativas. Os textos das cartas põem em foco comovente carência de Clarice em relação ao núcleo familiar, bem como sua constante atenção à saúde e bem-estar das irmãs, da sobrinha, do cunhado etc. De certa maneira, a ansiedade aí revelada denota o sentimento descrito por Rubem Braga (1979, p.87) – grande amigo da autora – em uma de suas crônicas meditativas: “Sobre o amor, etc.”. Avaliando o impacto dilacerante do estar longe na vida das pessoas, afirma: “Agora sabemos que jamais voltaremos a estar juntos; pois quando estivermos juntos perceberemos que já somos outros e estamos separados pelo tempo perdido da distância. Cada um de nós terá incorporado a si mesmo o tempo da ausência”. Outro tema recorrente nas cartas é a preocupação com a edição de seus livros e com comentários críticos recebidos, embora a escritora constatasse não viver uma fase produtiva, sendo acometida, com freqüência, de certa inércia e indisposição para ler e escrever:

Roma, 8 novembro 1944

(Carta velha...)

Elisa, queridinha:

Você não é minha amiga? Por que você não me escreve dizendo coisas suas, dizendo do apartamento, do trabalho, de você mesma?

Estou escrevendo a última hora, antes de levarem as cartas, e mesmo depois de ter escrito a vocês duas. Mas quis ainda fazer este apelo de última hora, na esperança de comover você. Me diga também sobre Tânia, se ela está muito cansada. Por favor, se você me quer bem, escreva.

Cuide-se, divirta-se, cuide de Tânia, seja feliz. Nem sei mais o que dizer, tão aflita fico por convencer. Diga sobretudo o motivo porque até agora não me escreveram.

Um abraço da

Sua Clarice. (ibidem, p.44)

Os momentos de pausa, em que não conseguia escrever, provocavam-lhe muita inquietação: “Não escrevi uma linha, o que me perturba o repouso. Eu vivo à espera de inspiração com uma avidez que não dá descanso. Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor” (Lispector apud Gotlib, 1995, p.223). Quanto mais a escrita lhe parecia difícil, mais tinha certeza de ser ela a essência de sua vida. As críticas negativas sobre seus primeiros livros – talvez pela apresentação de uma linguagem literária tão deslocada em relação à escrita vigente – também deixaram marcas na escritora, contribuindo para aumentar o grau de ansiedade que sentia em períodos considerados difíceis. Em *Minhas queridas*, podemos observar suas constantes mudanças de humor, oscilando, continuamente, entre estados de leveza e alegria, passando por indiferença, chegando à mais completa apatia, momento em que grande sono pairava sobre a escritora.

Nilze Maria de A. Reguera (2006), em *Clarice Lispector e a encenação da escritura*, observa que existe um princípio de organização de leitura que permite ao leitor enfrentar, logo de saída, uma das questões fundamentais que a obra de Clarice incita: a do fingimento poético. O pórtico do livro encenado traduz bem o território em que serão problematizadas as questões levantadas pelo leitor – margens indefinidas entre o ficcional e o não-ficcional, já que um pode reverter-se no outro, e assim sucessivamente, uma vez que estamos no universo do jogo artístico e sabemos que Clarice ficcionalizava o mundo que a rodeava e a si mesma:

Tânia, filhinha,

Minhas saudades têm estado agudas mas dentro de uma névoa – como uma sirene de noite no mar, como diria

Jeni Pimentel Borba ou eu mesma. Mas abrindo a caixa de correio e vendo sua letra – de repente meu coração começou a bater de alegria e eu ouvi a sirene de perto, desfeitas as névoas, sirene de manhã. Fui lendo na rua mesmo, e todo carinho que você me fazia eu bebia rápido-rápido, porque já há muito tempo você não regava esta planta suíça. Dei logo flores e passei um dia de sol. [...] Querida, você está linda? Tem cuidado dos cabelos? E o retrato com cabelos curtos? E o vestido comprido? Eu cortei uma franja lisa, e fiz permanente no resto. Mudei tanto que certas pessoas não me reconheceram. Vale apenas como transformação momentânea. (Lispector, 2007, p.191)

O humanismo em Clarice Lispector – um estudo do ser social em *A hora da estrela*, ensaio escrito por Ana Aparecida Arguelho de Sousa (2006, p.23), procura explicar que as pesquisas sobre Clarice contêm elementos expressivos de uma possível identidade entre a autora e suas personagens. O projeto ideológico que perpassa sua obra dá a conhecer uma produção escrita direcionada à busca incessante da essência do ser humano, situando-o em seu contexto social e existencial. A crítica tem apontado grande proximidade entre a produção literária de Clarice com a de James Joyce e Virginia Woolf, especialmente quanto aos recursos discursivos utilizados pelos três escritores: o caráter desconstrutivo da narrativa, o fluxo da consciência, a epifania e a natureza poética, entre outros.

A idéia de que o ser humano, cerne do projeto ideológico, é colocado como figura central da obra, ampara-se em opiniões de Nádya Battella Gotlib (1995, p.437) a partir de registros de depoimentos de Clarice e sugere que o foco no indivíduo pode ser uma estratégia para fazer emergir o ser no que existe de circunstancial em sua existência. E quando traz o outro, pode ser que esteja trazendo a si mesma.

Desde a infância, Clarice evidenciou tendência para socorrer pessoas carentes, animais debilitados; enfim, sempre foi muito sensível às fraquezas e misérias do mundo. E fez questão de evidenciar esse sentimento de comoção em muitos de seus textos. Quem não se lembra da passagem

de *A mulher que matou os peixes*, em que uma narradora, factótum da autora, num rodopio sobre o lugar comum da sensibilidade, indaga: “Vocês têm pena de rato? Eu tenho porque não é um bicho bom para a gente amar e fazer carinho. Vocês fariam carinho num rato? Vai ver vocês nem têm medo e em muitas coisas são mais corajosos do que eu” (Lispector, 1999, p.5). Por isso, sofreu grande abalo quando passou a ser tachada de “alienada” por alguns críticos. Sem fazer literatura engajada a partidos políticos ou causas panfletárias, no entanto, escreveu para engrandecer o ser humano, levando-o a descobrir sua essencialidade e, em consequência, lutar por suas verdades, assumindo atitudes na vida. *A hora da estrela* é seu “livro vingador”, aquele que fecha o ciclo de trajetória da nordestina pobre (Macabéa/Clarice) que se desenraiza no exterior, mas que, ao morrer, volta às suas raízes, na transparência da personagem cariada, inteligentemente urdida pela escritora.

Em tempos de guerra, Clarice se solidarizou com o sofrimento da população, ajudando, como voluntária, soldados e feridos em hospitais de Nápoles. Por essa atitude, recebeu o seguinte ofício de agradecimento do chefe da Seção Brasileira de Hospitalização:

Ao deixar a Chefia da Seção Brasileira de Hospitalização em Nápoles, cumpro o grato dever de agradecer a V. Excia. todo o serviço que tão espontaneamente vem prestando à nossa organização, colaborando na sua Seção de Serviço Social, trazendo ao nosso soldado ferido ou doente o grande consolo do seu serviço e da sua graça. Nunca seriam demais as palavras que eu poderia dirigir a V. Ex. para expressar a minha admiração pela contribuição que trouxe a todos nós nestes momentos em que o Brasil precisa tanto de seus filhos. Em nome destes homens, de todos os que aqui labutam e no meu próprio, beijo, agradecido, as vossas mãos dadivosas. Nápoles, 17-abril-1945– Dr. Sette Rамalho, Tte. Coronel Médico. (Lispector, 2007, p.84)

Vilma Arêas (2005, p.15-16) faz uma sugestiva distinção entre os textos de Clarice escritos “com as entra-

nhas” (consagrados pela tessitura bem urdida) e os textos escritos “com as pontas dos dedos” (textos menos elaborados e que a própria autora chamou de “lixo”, a exemplo dos contos de *A via crucis do corpo*). Arêas defende a idéia de que os textos escritos “com a ponta dos dedos” possuem uma relação profunda com o restante da obra clariciana:

Estrategicamente me limitando à forma, percebi que as matrizes poéticas de todos esses textos, nascendo entre fragmentações fragmentadas, são submetidas à mesma técnica de desgaste, como se a escritora “desescrevesse” o texto, na expressão feliz de Benedito Nunes, ou como um lenço de seda que continuamente de desatasse. É como se Clarice tivesse escrito apenas um livro durante toda a vida, obedecendo a modulações que às vezes quase o desfiguram, ao sabor de dificuldades pessoais e profissionais experimentadas, sobretudo, após seu regresso ao Brasil, em 1959.

A feitura de textos “com a ponta dos dedos” revela também uma Clarice muito preocupada com a beleza, a moda, os cuidados com os cabelos, a pele, o controle de peso e tudo que pudesse envolver a estética da aparência. Nesse ponto, a correspondência se encontra com a matéria de algumas colunas jornalísticas mantidas durante alguns anos por Clarice, com a justificativa de que precisava sobreviver, uma vez que estava separada do marido e com a incumbência de criar dois filhos.

Na década de 1950, as leitoras de tablóides e jornais cariocas liam Clarice Lispector sob pseudônimos e como *ghost-writer* para colunas femininas, a fim de evitar que descobrissem a autoria da matéria, uma vez que ela já era uma escritora consagrada e muito visada pela crítica. Protegida pelo nome de Helen Palmer, escreveu uma coluna para o segundo caderno do *Correio da Manhã*, nas quartas e sextas-feiras, participando de 128 edições. Clarice atuou, também, como *ghost-writer* de Ilka Soares, da coluna “Só para mulheres”, no *Diário da Noite*, com seis artigos por semana, publicados entre 1960 e 1961. A primeira seção, “Um retrato de mulher”, compõe um verdadeiro manual

de “ser mulher” naquele período, com dicas sobre moda, beleza, elegância, leitura e, mesmo, sobre como “fumar bem”. Essas mulheres eram o retrato da dona de casa exemplar: tudo deveria estar de acordo com as etiquetas da sociedade, sempre mostrando mães e donas de casa felizes, bem vestidas e dispostas (Nunes, 2006, p.309-13).

O livro *Minhas queridas* traz essas questões, em variados momentos:

Querida, você está linda? Tem cuidado dos cabelos? E o retrato com cabelos curtos? E o vestido comprido? Eu cortei uma franja lisa, e fiz permanente no resto. Mudei tanto que certas pessoas não me reconheceram. Vale apenas como transformação momentânea. (Lispector, 2007, p.191)

Tem feito bastante frio. Não gosto nada. É detestável andar encolhida, com a pele toda franzida de vento. É por isso que às vezes se vêem moças de vinte anos com cara de muito mais. (ibidem, p.236)

Você passou alguma tintura nos cabelos? Que cor? Espero que não tenha sido negro, que endurece muito os traços. Por uma fotografia recente de Marcinha tive a impressão de que os dentes estavam ligeiramente salientes. É verdade? (ibidem, p.186)

Querida, você está com o cabelo curto? Mande um retrato assim. Eu estou com o cabelo enorme, pretendendo cortar e ondular embora não saiba se me fica bem. Mas já estou muito cansada de minhas hesitações, que já me trouxeram bastante aborrecimento. (ibidem, p.206)

Em uma carta de *Minhas queridas*, Clarice comenta a gênese do conto “O búfalo”, criação literária feita “com as entranhas”:

Um dia desses tive um ódio muito forte, coisa que eu nunca me permiti; era mais uma necessidade de ódio. Então escrevi um conto chamado “O Búfalo”, tão, tão forte, que, por experiência, fui ler para Mafalda, Armando Pires [...] e para Maury, e eles sentiram até um mal-estar. O rapaz

disse que o conto todo parece feito de entranhas... Maury, é claro, não gostou: assustou-se com a violência. (ibidem, p.269).

A evidência de que a obra literária gira ao redor de temas recorrentes, que surgem como variações de seus núcleos basilares, não é uma novidade crítica. Uma escrita da ruminância e do rodear o mesmo ponto, mimetizando seu objeto de análise pela reiteração, já foi afirmada por muitos escritores. Machado de Assis freqüentemente declarava: “rumino muito mais do que falo”, observando as reiterações e os zigue-zagues de seus pensamentos e de sua escrita.

As pulsações da escrita clariciana, na coletânea de cartas *Minhas queridas*, são provocadas especialmente por desafios contextuais resultantes do “desenraizamento geográfico e emocional” da escritora, culminando por desestruturar o seu texto familiar, que gagueja, balbucia, lacrimeja, bate o pé, aproximando-se da linguagem infantil em sua feição predominantemente tautológica. Entretanto, após muitos anos de exílio e com a perspectiva de volta iminente ao Brasil, vislumbramos o retorno do estilo clariciano em sua integridade, pleno de energia e de profundas reflexões:

– Fiquei contente em Marcinha perguntar quando volto. Diga a ela que talvez no começo do ano que vem estejamos lá. Diga a ela que esses anos todos pingaram gota a gota e que eu por assim dizer contei uma por uma – mas que ao mesmo tempo passaram incrivelmente depressa porque um só e único pensamento ligou-os: esse tempo todo foi como o desenvolvimento de uma idéia só: a volta. Diga a ela que não espere, por isso, me ver voltar aos pulos de alegria e aos risos: *nunca se viu ninguém sair da prisão aos risos: a alegria é muito mais profunda, e também o tempo de contenção e a obrigação de paciência ensinam a calma.* (ibidem, p.184, grifos nossos)

Em *A poética do espaço*, Bachelard (2000, p.215) pondera que o exterior e o interior formam uma dialética de

esquartejamento, e a geometria evidente dessa dialética nos cega tão logo a introduzimos em âmbitos metafóricos. Ela tem a nitidez crucial da dialética do sim e do não, que tudo decide. Fazemos dela uma base de imagens que comandam todos os pensamentos do positivo e do negativo. Com o interior e o exterior, pensa-se o ser e o não-ser e, por isso, Bachelard considera que o ser do homem é uma espiral. E nessa espiral os dinamismos freqüentemente se invertem. Já não sabemos se corremos para o centro ou se nos evadimos:

Assim, o ser espiralado, que se designa exteriormente como um centro bem revestido, nunca atingirá o seu centro. O ser do homem é um ser desfixado. Toda expressão o desfixa. No reino da imaginação, mal uma expressão foi enunciada o ser já tem necessidade de outra expressão, o ser deve ser de outra expressão. [...] A fenomenologia da imaginação poética permite-nos explorar o ser do homem como o ser de uma superfície, da superfície que separa a região do mesmo e a região do outro. Não esqueçamos que, nessa zona de superfície sensibilizada, antes de ser é preciso dizer. Dizer, se não aos outros, pelo menos a si mesmo. [...] Pela linguagem poética, ondas de novidade correm sobre a superfície do ser. E a linguagem traz em si a dialética do aberto e do fechado. Pelo sentido, ela se fecha; pela expressão poética, ela se abre. (ibidem, p.218)

Existe em Clarice toda uma gama de epifanias de beleza e de visão, mas existe também uma gama de epifanias críticas e corrosivas provocadas por percepções decepcionantes, como as registradas em várias cartas de *Minhas queridas*. Pode-se vislumbrar, em sua ficção, uma poética do instante, essencialmente ligada à imagem, que a autora reconhece enquanto questiona o ato de nomear:

Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante – já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante – já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa. (Lispector, 1980, p.9)

Segundo André Luís Gomes (2007, p.17), em seu texto “Entre Focos: Correspondências e Textos Literários”, publicado na revista *Cerrados*, a correspondência enviada e recebida por Clarice Lispector é extremamente esclarecedora para aqueles que se dispõem a decifrar seus textos literários e tem sido fundamental para a organização e elaboração das várias biografias da escritora. As cartas são reveladoras do universo pessoal e ficcional de Clarice, em seu esforço por apresentar-se como uma mulher comum, esposa e mãe de dois filhos, que escreve cartas e se lastima por estar longe de seus parentes queridos e de si própria. Portanto, é quase impossível compreendê-la sem a leitura desse valioso material.

Nas considerações finais deste ensaio, avaliamos que *Minhas queridas* nos põe em contato com uma correspondência forte, questionadora, argumentativa, mas, acima de tudo, singela, terna, amorosa, cuja principal substância é o imaginário dos afetos familiares. Revela como a convivência com as irmãs, com a terra natal e com os amigos constituía elemento vital para o equilíbrio emocional de Clarice Lispector, e quanto seu desenraizamento, provocado por longo exílio em terras estrangeiras, abalou profundamente a frágil e oscilante sensibilidade da escritora, deixando-a freqüentemente esgotada para viver/escrever – o que podemos conferir na intimidade das confissões inseridas no valioso acervo de cartas fraternas *Minhas queridas*, arquivo literário e histórico da maior importância para os estudos da literatura brasileira.

Referências

- ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector: com a ponta dos dedos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

GOMES, André Luís. Entre focos: correspondências e textos literários. *Cerrados*: revista do programa de pós-graduação em literatura, Brasília, DF, Universidade de Brasília, v.16, n.24, 2007. Tema especial: Literatura e presença: Clarice Lispector.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *A hora da estrela*. 23. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *A mulher que matou os peixes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Correspondências*. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. *Minhas queridas*. Org. e introd. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MANZO, Lícia. *Era uma vez: Eu*. A não-ficção na obra de Clarice Lispector. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: The Document Company – Xerox do Brasil, 1997.

NUNES, Maria Aparecida. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas e outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006.

PRIORE, Mary Del. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

REGUERA, Nilze Maria de A. *Clarice Lispector e a encenação da escritura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa d'Ávila, 1979.

SOUSA, Ana Aparecida Arguelho de. *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela*. São Paulo: Musa Editora; Dourados, MS: UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2006.

Letras femininas: a escrita do “eu” no universo de Luci Collin

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira*

RESUMO: A pesquisa analisa o discurso identitário feminino na obra da escritora Luci Collin. O objetivo principal foi buscar a enunciação feminina em contos produzidos por mulheres, partindo da construção identitária feminina e passando pelos conceitos de multiplicidade nas questões de identidade do sujeito. O trabalho analisa, também, o lugar do qual o sujeito enunciativo constrói seu discurso, ou seja, lugar de repetição ou ruptura dos discursos circulantes na sociedade, e ainda demonstra como o sujeito histórico feminino formula seu discurso, trabalha a linguagem para produzir sentido e constrói sua história. Desse modo, o estudo se propõe a contribuir para a discussão sobre a representação do papel da mulher na sociedade contemporânea, a partir do viés literário.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, sujeito feminino, literatura contemporânea.

ABSTRACT: This study analyses the feminine identity discourse in the works of contemporary writer from Parana, mainly Luci Collin. The main objective of the study was to search for the feminine enunciation in short stories produced by women, departing from the construction of feminine identity and also based on the concept of multiplicity of the subject's identity. Moreover, the study analyses the place from which the enunciatory subject constructs its discourse, that is, the place of repetition or disruption of the common discourses in society. It also shows how the historic feminine subject formulates its discourse, uses language to produce meaning and to construct its history. In this way, the study proposes a contribution to the discussion of the representation of the female role in the modern society, through the literary point of view.

KEYWORDS: Identity, feminine identity, modern literature.

* Professora doutora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) – Guarapuava (PR).